

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 288

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300; Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

6.º Anno

PAGAMENTO ADIANTADO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Não obstante termos ainda uns poucos d'artigos a publicar, não publicaremos tantos quantos seriam precisos para elucidar completamente os leitores. O *Povo de Aveiro* tem um caracter muito especial. Obedece constantemente ao proposito de esclarecer os seus assignantes sobre os grandes problemas da humanidade, falando-lhes a voz da justiça, e instruindo-os. Os nossos assignantes, que são numerosos em todos os pontos do paiz, só por isso nos lêem, d'outra fôrma não teria para elles interesse nenhum um semanario de provincia. Applaudem o nosso espirito de independencia, de critica honesta, o nosso esforço pela verdade, o nosso afan em espalhar principios, e dão-nos o auxilio das suas assignaturas.

O assumpto, que ora estamos versando, é interessantissimo, de extrema importancia, e parecendo um tracto antigo é d'uma actualidade palpitante. O militarismo constitue um dos mais graves problemas da vida moderna. Além da sua importancia economica, tem extraordinaria importancia moral. As guerras que, de vez em quando, surgem no globo, dão-lhe, além de tudo, uma curiosidade que nenhum outro acontecimento consegue despertar. E, ao mesmo tempo, sobre nenhum é tão profunda a ignorancia dos homens. Sobre nenhum é tão grande a illusão. Sobre nenhum outro se escrevem tantas mentiras e se affirmam tantos erros. Porque é vencida a Russia? Porque foi vencida a Hespanha? Porque foi vencida a França? Vencidas desastrosamente? Porque lhes faltou artilheria, dizem uns. Porque lhes faltou disciplina, dizem outros. Cada um dá a sua razão. Razões technicas. Ninguem se sente com auctoridade para falar sobre o assumpto senão os militares. E ninguem, afinal, tem menos competencia do que elles.

Os militares não veem nas derrotas e nos triumphos senão motivos de character tecnico ou profissional. Quando os motivos são sempre d'ordem politica, d'ordem social. Eis a tremenda confusão, de que resulta a mais deploravel illusão.

O militar nunca explica as derrotas senão por peor ou melhor artilheria, melhor ou peor infantaria, melhor ou peor disciplina ou instrução. O civil acceta o que elle diz como um evangelho. E quando todos julgam ficar orientados ficam mais desorientados do que estavam. Assim persistem, annos e annos, como verdades incontestaveis, os mais profundos erros.

O militar raramente é um pensador ou um philosopho. De criterio estreitissimo, de erudição muito limitada, vê sempre a sociedade militar como independente da sociedade civil, isto é, regulando-se por outras normas, outras leis, outros principios. E d'essa fôrma confunde a cada passo o effeito com a causa.

Os principios que regulam a sociedade militar são os principios que regulam a sociedade civil. Onde o elemento civil não fôr disciplinado, morigerado, instruído, não o será o elemento militar.

A falta de artilheria, a falta de

espingardas, a má artilheria ou as más espingardas, os maus soldados, os maus officiaes, uma pessima administração e organização militar, enfim, resultam sempre do relaxamento do Estado, d'uma pessima administração e organização civil. E como não ha nas sociedades modernas boa organização civil sem que tenha por base o direito e a liberdade, não ha exercitos possíveis sem que o direito e a liberdade lhes assistam.

Para ver isto em toda a sua profundidade, para que se reconheça todo o valor dos exercitos democraticos, exercitos de voluntarios e exercitos de milicias, sempre que os inspire o amor da liberdade, para se estudar lucidamente toda essa grave questão do militarismo, é indispensavel estudar os exercitos da Revolução. Ahi se encontram lições para tudo. Mas não queremos ir tão longe, como seria indispensavel para profundar, que nos cheguemos a tornar aborrecidos.

Iremos, pois, abreviando a conclusão, sem prejuizo, no emtanto, do fim que nos propomos. E para o attingir ainda teremos de escrever alguns artigos.

Como dissemos, toda a fidalguia franceza, ou quasi toda, desertou para o inimigo, constituindo junto d'elle um corpo especial de tropas, designadas na historia pelo termo generico de *emigrados*.

O que tem graça é que esses reaccionarios, que voltavam as armas contra a sua patria, eram detestados pelos estrangeiros e pelo proprio Luiz XVI.

«Acautelae-vos, dizia o rei de França aos reis seus alliados; olhae que elles não respiram senão vingança e não tem outro objectivo senão satisfazer os seus odios pessoaes. Se podessem fariam uma contra revolução ainda mais fatal do que a Revolução, de tal fôrma que se me obrigassem a optar eu preferiria entregar-me aos jacobinos a fazer causa commum com elles. Que formem um exercito, mas para marchar atraz do exercito dos alliados.»

Maria Antonieta sentia como o rei. «Não queria ser salva pelos alliados; revoltava-a o pensamento de dever a libertação ao conde de Provence, que nunca tinha amado, e ao conde d'Artois, que já não amava.» (1)

Note-se que o conde de Provence, mais tarde Luiz XVIII, e o conde d'Artois, mais tarde Carlos X, eram irmãos de Luiz XVI. Vejam o conceito em que elles se tinham e a amizade que se votavam. E como a humanidade é tão insensata, que, estando cheia a historia de exemplos d'esses, ainda tolera a realza!

Os estrangeiros formavam dos dois futuros reis de França a mesma opinião que d'elles formava Luiz XVI e Maria Antonieta, ou, antes, que d'elles formava todo o mundo. Quando Brunswick e Hohenlohe os quizeram pôr á frente de 15:000 homens para invadirem a França, o primeiro ministro austriaco e o primeiro ministro prussiano apossaram-se a protestar vivamente.

«O que? Deixar esses homens á vontade? Seguiriam logo os planos dictados pelo seu egoismo e pelo seu rancor; seriam causa dos maio-

res embaraços; comprometteriam de coração leve a vida do rei, da rainha e da familia real; gastariam loucamente todo o dinheiro que se lhes desse.»

Assim diziam os ministros estrangeiros.

Todo esse exercito francez dos emigrados constituia uma cambada ignobil. Emquanto o exercito revolucionario dava provas da mais extraordinaria abnegação, como veremos, sujeitando-se a todos os sacrificios, a fidalguia reaccionaria não queria senão dinheiro para gastar em luxos, prazeres, commodidades, devassidões de toda a ordem. Cambada ignobil.

«Os allemães indignavam-se por os ver lançar o dinheiro ás mãos cheias pela janella fóra, gastando 15 escudos n'uma refeição, desprezando o pão negro, començô só a cedeo do pão branco, divertindo-se a atirar com bolinhas do miolo á cara uns dos outros. Diziam que elles lavavam os pés em vinho. Ttavam que um d'elles tinha pago por vinte luizes d'oiro a companhia d'uma meretriz durante uma só noite, que tinham seduzido todas as mulheres dos eleitorados e feito de Coblantz a Sodoma da Alemanha.»

A sua ignorancia, a sua frivolidade, a sua sede de vingança indignavam os officiaes prussianos. Combatemos por elles, dizia um official superior n'uma carta que a *Minerva*, d'Archenholz, publicou; mas desprezamo-los e queremos, para os humilhar, conquistar sem elles a França. E' a escoria da nação, escrevia ainda Lombard, e comprehendo o desprezo profundo que em toda a parte se manifesta por estes gentishomens.» (Arthur Chuquet, livro citado, pags. 280.)

Ah! como nós quizeriamos que todo o mundo conhecesse bem a historia militar e civil da Revolução!

A POLICIA EM ACCÃO

A policia carregou em Lisboa sobre o povo quando este victoriava o sr. dr. Bernardino Machado.

Não lhe queiram mal. Deve-se dizer, por amor da justiça, que a policia não faz aquillo por odio ao povo. E' por interesse proprio. Policia, exercito, tudo quanto é armado, só tem um fim: defender o regimen. Se não derem bordoadas no povo por dá cá aquella palha como hão de justificar a sua missão?

Como hão de agradar ao regimen?

Bem veem que o regimen é como todos os patrões: tratam tanto melhor os sérvos quanto mais vontades elles lhes fazem e mais zelo e dedicação demons'am pelo seu serviço.

Se amanhã a nação precisar do exercito não o encontra. Já o temos dicto muita vez. E porque não o encontra? Porque o exercito não é d'ella. E' do regimen. Tal e qual como na Russia.

A policia obedeceu ás ordens do sr. capitão Novaes. E o sr. capitão Novaes foi, como é sempre, o verdadeiro exemplar do militar do regimen.

Não queiram mal ao sr. capitão Novaes. O sr. capitão Novaes quer fazer carreira. E quem quizer fazer carreira no exercito ha de ser capitão Novaes. Ora eis tudo.

A maior aspiração do official é ser commissario de policia. E não é commissario de policia senão o official bem reputado no exercito. São cargos dados á elite, exclusivamente.

O mais paizano dos paizanos comprehende, porém, que não é a regularisar o serviço dos trens e das meretrizes nas ruas das cidades, a dar rugas aos vadios, a espadeirar os cidadãos, que se aprende a defender a patria no campo da batalha. O que succederá, então, á patria, quando os commissarios de policia passarem a exercer a sério as funções de officiaes do exercito? O que succedeu á França em Sédin, o que succedeu á Hespanha em Cuba e nas Filipinas, e o que está succedendo á Russia na Mandchuria.

Peceberam? Por esta simples coisa percebem n'um instante a razão suprema das successivas derrotas da Russia.

Se o commissario de policia é o official modelo, se é o official d'elite, por elle e valia a maior parte do que está dentro dos quartéis. Queremos dizer: o que está dentro dos quartéis não se dedica á escola de Moltke, nem ninguem lhe exige tal coisa. Dedica-se á escola de commissario de policia, ou, então, cruza os braços e não se dedica a coisa nenhuma.

Ou a commissario de policia para subir, ou a coisa nenhuma, para não desaguardar.

Ralando-se ainda por cima desagradada. Apaia o seu repelosoito muito bem ganhado. E, positivamente, já paguem se sente com feito para martyr.

O capito Novaes é, pois, um producto do meio. Simplesmente. Não lh' queiram mal.

ELEIÇÕES

A comissão municipal d'este concelho tambem resolveu ir á urna com uma lista republicana. E' de lamentar que tomasse tão tarde essa resolução, que lhe vae, sem duvida, fazer perder votos. Essas coisas ou se resolvem cedo, ou não se resolvem. Mas, enfim, como foi resolvido, é dever nosso recommendar a lista, o que, aliás, fazemos gostosamente.

A face dos principios não se pôde nunca recommendar a abstenção eleitoral. O direito do voto é o mais importante de todos os direitos. E', pois, dever sagrado de quantos amam a democracia exercer sempre esse direito.

Ninguem imaginará, sem duvida, que os republicanos de Aveiro, como os d'outros pontos do paiz, pretendam obter na urna um triumpho. O que elles pretendem, apenas, é affirmar o seu protesto contra a monarchia e contra toda a immoralidade que ella representa em geral e no acto eleitoral em particular. E esse protesto tem hoje, mais do que nunca, toda a razão e oportunidade. E dizemos hoje mais do que nunca porque dia a dia cresce a onda da corrupção,

do desperdicio, do attentado, sob todos os aspectos, á dignidade e aos interesses da patria.

Votar nos candidatos republicanos é repellir toda a solidariedade com os crimes da monarchia, e confiar na hora da redempção nacional.

A lista dos republicanos de Aveiro compõe-se dos nomes dos srs. Sebastião de Magalhães Lima, jornalista, Albano Coutinho, vitoriano, Antonio Luiz Gomes, advogado, Bernardino Luiz Machado Guimarães, lente e João Pinheiro Chagas, jornalista. Os tres primeiros são naturaes d'este districto e por esse motivo escolhidos. O sr. João Chagas é incluido na lista como consagração dos seus serviços pela causa democratica, tão esquecidos pelos dirigentes republicanos. E o sr. Bernardino Machado pelas sympathias que o seu nome inspira a todos os republicanos e aos aveirenses em especial. Ao illustre professor deve esta terra relevantes serviços.

A todos os patriotas, a todos os homens liberaes, nós a aconsellamos vivamente.

Votem.

E' um dever votar.

AFFIRMAÇÕES REPUBLICANAS

Realizou-se no domingo passado um comicio em Lisboa e outro no Porto.

Do que se passou no comicio do Porto nada sabemos. A hora em que escrevemos estas linhas ainda nos não chegou o *Norte*, unico jornal republicano do Porto que costumamos lêr.

Do que se passou em Lisboa sabemos o que diz o *Mundo*.

Vejam as palavras d'alguns dos oradores.

O sr. Bernardino Machado disse:

Meus senhores! Desde que, ha quasi um seculo, os nossos constituintes proclamaram os direitos do homem e do cidadão, tres vezes sobretudo a reacção tentou supplantar as liberdades publicas. Primeiro foi a reacção miguelista, depois a reacção cabralina, e ultimamente a reacção franquista, que assim tem que ser denominada, porque embora dos dois principaes factores da politica chamada do engrandecimento real, e que não é senão do engrandecimento do poder pessoal dos ministros validos, o unico sobrevivente não tenha feito parte dos ultimos ministerios, regeneradores e progressistas, a verdade é que elle é que continuado tem a governar o paiz pela observancia da sua legislação dictatorial, que está ainda de pé. Elle e os seus adeptos é que caracterizam a ultima reacção politica, todos os outros estadistas monarchicos, qualquer que seja o seu valor individual, não passam de comparsas.

Felizmente, porém, se a reacção miguelista venceu logo de principio facilmente os liberaes e foi necessario depois toda essa épica campanha que elles fizeram desde a Terceira até Almoester e Asseiceira; já a reacção

(1) Veja-se Arthur Chuquet—*La Première Invasion Prussienne*, pags. 268.

que não pôde conter a revolução popular que provocou, sem o socorro da intervenção estrangeira, e foi quasi sem resistencia que os liberaes operaram o movimento da regeneração; e hoje a reacção dominante não tem força, interna nem externa, em que se apoie.

Se o regimen contava com dedicações no exercito, ellas pôde dizer-se que se suicidaram com Mousinho de Albuquerque, e o exercito não se indigna menos do que o povo contra as protervias dos nossos governantes, porque soffre, como elle, as consequências desastrosas dos seus desmandos e prodigalidades, soffre-as até ao sacrificio, até á morte desesperada, como outro dia na horrenda catastrophe do Cunene, cuja noticia rescou na alma da nação mais do que como um dobre de finados por alguns dos nossos melhores irmãos, como um toque de rebate contra a reacção criminosa que os immolou.

É do protectorado estrangeiro a que o regimen se acolheu, nenhuma força lhe pôde advir, porque, se lá fóra lhe accitavam com desvanecimento as homenagens, porque parecem as homenagens da nação, nenhum governo estrangeiro que se preza, pôde ter pelos nossos dictadores senão o desdém e a antipathia que merece o seu servilismo.

O espirito liberal em Portugal, até mesmo pelas suas luctas com a reacção, tem-se aguerido, fortificado. A prova é que os nossos partidos monarchicos, que são todos reaccionarios, todos pretendem encobrir-se hypocritamente, inculcando-se liberaes, até a facção propriamente franquista, que pôz taboeta de liberal, sem embargo de ainda outro dia o seu chefe reivindicar com ostentação sobre os outros partidos como o seu titulo supremo ás boas graças da reacção, a responsabilidade directa do acto mais odioso da sua dictadura, a lei nefanda de 13 de fevereiro de 1896.

Nem, por isso, contado o liberalismo deve desarmar, suppondo-se perfeitamente seguro. Tambem D. Miguel começou por jurar a carta constitucional, tambem Costa Cabral prometteu uma constituição mais liberal do que a carta, e depois... depois seguiram-se os dias sombrios e pungitivos das sanguinolentas luctas civis. E' que, após a reacção politica, veem sempre a reacção senhorial e plutocrata e a reacção clerical, que são as suas verdadeiras aliadas, e, todas tres reunidas, adquirem uma força tremenda. Eis o perigo que já n'este momento vamos correndo.

Hoje, na Europa, ha governos republicanos, como o da Suissa ou da França, ha governos parlamentares, como o da Inglaterra, sempre justamente citados para modelo, que é como o d'uma republica presidida por um chefe coroado, ha governos representativos, como o d'Allemanha, onde o poder legislativo é de livre eleição, mas o poder executivo é denominação do imperante, ha governos em que o chefe do estado intervem tambem no legislativo, e ha finalmente governos pessoais absolutos, como o da Russia, essa desgraçada nação, a cujas tragedias externas e internas todos assistimos assombrados de dôr.

Pois o governo portuguez, muito mais fraco, é claro, do que o governo russo, porque tem apenas a força que lhe provém da desorganização dos liberaes, e que, se persegue só a pranchada da policia os manifestantes pacíficos, como hontem á noite, n'esta cidade, e não os espingardeia pela tropa como em S. Petersburgo, é unicamente porque lhe não secundaria as violencias o nosso exercito, que não é nenhum corpo de malfeteiros armados á custa da nação, que sabe muito bem que o seu dever, o seu glorioso dever, é dar a vida pela patria, e que não ha dever de obediencia e disciplina que possa compeli-lo a attentar contra a vida dos seus concidadãos para defender e salvar a tyrannia; o governo portuguez, que não é menos despotico do que o governo russo, porque, se lá se deportam para a Siberia, sem culpa formada, os revoltosos cá deportam-se para Timor; o governo portuguez, que é mesmo mais despotico do que o governo russo, porque, ao passo que lá o despotismo, descarregando os seus golpes sobre os *zemstvos*, suspendia a sua senha perante o de

Moscow, aqui não duvidou dissolver quantos municipios quiz, inclusivamente o da propria Lisboa. O governo portuguez está ainda abaixo do governo russo. Para achar alguém que lhe seja comparavel, é preciso sair da Europa e ir até á Africa, onde ha os governos das *companhias*, e lá ainda ao menos sob a garantia d'uma fiscalização superior, enquanto que entre nós ellas reinam discrecionalmente. E, peor ainda, vamos sendo governados tambem pelo clericalismo, que, no seu atrevimento, já pretende erguer no coração da capital, oppôr, na grande avenida, ao monumento dos restauradores, que é o monumento da independencia, o monumento da escravização, porque o é do fanatismo, já mesmo o inaugurou com a assistencia e applauso dos nossos dirigentes.

Que nos cumpre fazer? Renovar a obra dos nossos constituintes e liberaes, interrompida, suspensa, pela terceira vez pela reacção. Com Joaquim Antonio de Aguiar e com Silva Carvalho, combatamos a theocracia, as suas congregações oppressivas e as suas odiantes perseguições religiosas. Com Mousinho da Silveira e os seus continuadores, combatamos todas as servidões do trabalhador, combatamos desde a graxa e officina até ao estado, onde o regimen dia a dia, multiplica os monopolios, que são outros tantos tentaculos com que elle desangra e exgota, quasi até á inanición, a economia nacional. Com Passos Manuel, José Estevão e Sampaio, combatamos as oligarcias politicas, reclamando a liberdade do pensamento, tanto na tribuna como na imprensa, e, para isso, antes de mais nada, a immediata derogação da lei de 13 de fevereiro de 1896, reclamando a liberdade de reunião e a liberdade de associação, sem as quaes a nação mal pôde preparar-se para o livre governo da grande associação, o Estado; reclamando a liberdade comparativa, e a descentralização local, tanto das corporações da metropole como das provincias ultramarinas e reclamando n'fim todas as liberdades constitucionaes, todas, porque, se os nossos constituintes e antigos liberaes contavam com o apoio da monarchia para a realização das suas reformas, nós, nação, passado já quasi um seculo depois de 1820, é que não podemos contar com ella.

Implantemos no nosso torrão natal a liberdade religiosa, a liberdade economica e a liberdade politica, para com ellas assegurarmos ordem á nação, porque a ordem só e estabelece firmemente pelo respeito de todos os direitos do homem e do cidadão, para, com ellas, não só evitarem as guerras fratricidas, mas estreitamos intimamente os nossos laços de solidariedade, fazendo com que não amemos mais, com que trabalhemos melhor, com que sejamos mais instruidos e rectos, e, fraternalmente unidos, protejamos por todos os meios os pobres, os desvalidos, os fracos, a mulher, a creança e os velhos, e levemos ainda á nossa civilisadora e benéfica influencia, até aos povos longiquos, cuja guarda e direcção nos foi confiada pelos nossos heróicos antepassados.

E, reassumida assim a nossa antiga missão na historia, o nome portuguez, hoje tão amesquinhado, voltará a ser por toda a parte honrado e bendito.

Não temos que objectar, a não ser no que diz respeito á confiança que o sr. Bernardino Machado deposita no exercito.

O sr. Bernardino Machado talvez não sentisse bem o que disse. Mas pareceu-lhe habil dize-lo. E seria, debaixo de certo ponto de vista. Não é, porém, das melhores coisas, deixar no espirito dos simples, que é quasi tudo quanto comporta o partido republicano, impressões tão optimistas. Por isso d'aqui lhes dizemos: não se fiem nunca n'essa velha lenda, tantas vezes já desmentida pelos factos, de que o exercito não fuzilará o povo quando lh'o ordenarem.

Fiem-se n'isso, e verão.

Contem com o contrario, que é mais certo.

O exercito, com pequena differença, é a mesma coisa em toda a parte.

Mas, pondo de parte essa pequenissima coisa, é justo dizer se que o sr. Bernardino Machado falou muito bem, expondo doutrina excellente.

Ao sr. dr. Bernardino Machado seguiu-se o sr. dr. João de Menezes, mas as notas do *Mundo* são tão incompletas em relação a todos os outros oradores que, das duas, uma: ou as notas do discurso do sr. dr. Bernardino Machado foram revistas pelo proprio orador, ou o *Mundo* quiz pôr em relevo o discurso do sr. dr. Bernardino Machado, pouco se importando com os discursos dos outros.

Ao fazer o extracto do discurso do sr. dr. Alexandre Braga até deixa um espaço em branco quando toca na referencia feita pelo orador á alliança ingleza.

O que quererão dizer as tres linhas ponteadas que o *Mundo* collocou n'essa altura? Não percebemos.

O sr. dr. João de Menezes fez mais um discurso de combate do que um discurso de doutrina, embora a sua predilecção seja o ponto de vista doutrinário, para o qual reúne faculdades excepcionaes.

O sr. dr. Alexandre Braga expoz doutrina, sem pôr de parte o assalto, e boa doutrina, deve-se dizer.

Vejam as notas do *Mundo*:

«Inseparavelmente se ligava á questão do regimen a questão das allianças, e era indispensavel destruir o duplo e infantil prejuizo de que a Inglaterra era a aliada da dynastia e nunca podia se-lo da Republica.

(Aqui vem o espaço em branco com as tres linhas ponteadas a que nos referimos.)

Sob todo o regimen, para que um povo possa conquistar seguramente o seu destino, necessita conhecer os seus verdadeiros interesses e a sua verdadeira missão historica, conhecimentos que só a instrução e a sciencia podem dar-lhe.

Por isso no seu programma inscrevia uma ardua pelega em defeza da instrução publica, e como o oiro para as escolas tinha de prodigalizar-se ás mãos cheias, e como d'ellas deviam sair cidadãos livres, e não escravos deshumanizados, duas magnas questões surgiam ligadas á da instrução: — a financeira e a religiosa.

A' primeira, prendiam-se a confusão dos dois erarios, as tranquiherias dos *escrocs* que fazem os monopolios e os syndicatos, os desvios do numerario dos orçamentos, como do da guerra, que, desfalcado, deixava a nação entregue a toda a veledade de invasão, sem soldados, sem armas, sem munições, enquanto os *cosacos* do Carmo eram bem pagos e municionados, para exclusiva defeza das instituições.

Quanto á segunda, seguiria as tradições de sua familia, dando guerra sem tréguas á superstição e ao fanatismo.

Relativamente ainda á questão financeira, não hesitaria em pugnar pela libertação do estado da igreja, com seus bispos, conegos, padres, subsidiados, seus dizimos, todos os redditos, suas pagas de baptismo, de casamento, de enterro, seus fôros, que escravizavam uma grande parte da terra, todas as suas estorsões em nome de Deus, certo como estava de que essa libertação trazia aos cofres publicos milhares de contos de réis.

E igualmente defenderia a abolição do exercito permanente, reclamando as dezenas de milhares de braços, estiolados na caserna homicida,

para o fecundo trabalho da terra, e transformando a negra legião de assassinos legaes em cidadãos proveitosos, libertando-os da escravização da fileira.»

Ao sr. Alexandre Braga seguiu-se o sr. Cupertino Ribeiro, que disse poucas palavras, terminando a serie dos discursos o sr. dr. Antonio José d'Almeida, que deve ter falado eloquentemente, pois a sua eloquencia é de todos conhecida.

Na questão de principios, são tão vagas as notas do *Mundo* que por ellas nada se pôde concluir.

O sr. Antonio José d'Almeida separou, até certo ponto, a instrução da educação. Como? Não sabemos. Hoje já ninguem faz essa separação, aliás feita durante muito tempo por espiritos dos mais altos. Mas chegou a concluir-se, e acertadamente, que a instrução não só faz parte da educação moderna, como é o seu principal e mais poderoso elemento. Não ha verdadeira educação sem que abraça a instrução.

Na torrente da sua eloquencia e das suas bellas aspirações o sr. Antonio José d'Almeida quer uma republica tão ampla e tão humana que até n'ella se possa reflectir o fulgor extranho da esperança anarchista.

Como figura de rhetorica, é lindo. Faz effeito por momentos. Mas como realidade, é melhor pôr o anarchismo de quarentena. Principalmente depois de monarchicos e republicanos nos terem dado esta anarchia presente em que vamos indo, que, franqueza, franqueza, não dá vontade nenhuma de experimentar a tal anarchia do futuro.

Que leve o diabo a esperança.

Enfim, no conjuncto foram bons os discursos do comicio de Lisboa e dão a impressão de que os republicanos começam a trilhar o bom caminho dos principios.

Estimaremos que não voltem para traz.

DESASTRE

Ante-hontem á tarde, quando o negociante de ourivesaria, sr. Souto Ratolla, regressava na sua *charret* da feira do Bécco, foi violentamente atropelado pelo automovel que o ministerio das obras publicas aqui mandou para examinar as estradas do districto.

Carro e automovel ficaram bastante damnificados, morrendo o cavallo que conduzia a *charret* do sr. Ratolla e ficando o *chafeur* do automovel bastante maguado.

O desastre deu-se em Travassô e n'uma curva da estrada. Entretanto não nos admirava que fosse até n'uma linha recta, pois que a velocidade que o *chafeur* imprimia ao automovel era demasiada, pois atravessava ahi a cidade n'uma carreira vertiginosa, doida, não dando sequer tempo a que o povo se arrumasse para o lado.

A auctoridade devia ter olhado com mais cuidado para isso e talvez tivesse evitado o desastre que agora se deu. O que é certo é que o procedimento do tal sr. *chafeur* estava já provocando sensuras em toda a cidade. Naturalmente, o homem, que vinha da grande capital, julgou isto por aqui aldeia de Favaos, podendo atropelar a tudo e a todos ao abrigo do carro ministerial.

— Então você não diz nada sobre a guerra?

— Então que diz você á situação da Russia?

— Por enquanto disse pouco.

— Gostavamos d'ouvir com largueza a sua opinião.

Assim me interpellam alguns dos meus antigos conhecimentos, e velhos amigos do *Povo de Aveiro*.

Muito obrigado pela importancia que me dão. Mas, francamente, não sei o que hei de dizer. Os senhores queriam prophecias, não é assim? Pois eu para astrologo não sirvo. Nunca tive geito para isso. Os senhores estão entusiasmados com o *jogo*. Estão apaixonados. E a paixão é inquietante. Eu percebo isso. E' inquietante e é curiosa. O apaixonado quer sempre que lhe falem no objecto da sua paixão. Ainda que seja contra ella. Quer ouvir, quer perscrutar, quer saber.

Ora eis ahi porque os senhores veem bater á minha porta. Palpita-lhes que eu saberei alguma coisa e querem-me interessar no *jogo*. Querem ouvir seja o que for, qualquer coisa que lhes alimente o fogo, ou que o exacerbe.

Mas se eu não sei nada!...

Os que são partidarios da Russia querem que eu lhes diga que ha todas as probabilidades de triumphar a Russia? Os que são partidarios do Japão querem que eu lhes diga que ha todas as probabilidades de triumphar o Japão?

Eu bem percebo que é isso o que querem, porque, de resto, considerações geraes já eu as tenho feito, e não poucas, sobre o estado dos belligerantes. E' isso o que querem. Mas eu é que não estou para correr o risco de passar por tolo. Se me engano, todos acabam por se rir de mim e por me chamarem tolo. Nunca fiando!

Não é facil falar com segurança sobre taes assumptos, meus amigos. E' até muito difficil. No entanto, para que não fiquem completamente zangados commigo ahi vão umas ligeiras apreciações. Hypotheses. Prophecias, não.

Eu já lhes disse, na ultima carta, que não via probabilidades de triumphar, por agora, a revolução. E parece que não me enganei.

Os revolucionarios russos tem commettido muitos erros. E sabem qual foi o maior de todos? Foi matar Alexandre II. Parecer-lhes-ha um absurdo. Pois é uma verdade!

Ha tres ou quatro dias li n'um jornal que um emigrado russo, entrevistado por um jornalista, apontava esse assassinato como um grande desastre para a causa liberal. Disse muito bem.

Alexandre II foi o imperador que mais serviços prestou á civilização da Russia, e o que se demonstrou com mais apimo e capacidade para trilhar com segurança o caminho das reformas liberaes. Era natural que fizesse muito menos do que os revolucionarios pretendiam. Mas, das duas, uma: ou os revolucionarios russos tinham forças para um grande movimento nacional, e então todos os actos extremos seriam admissiveis, ou não tinham, e o mais elementar bom senso indicava, n'esse caso, a conveniencia de aproveitarem as boas disposições d'um homem, que, se não fazia tudo quanto se desejava, fazia bastante em relação ao seu predecessor.

Quando Alexandre II subiu ao throno pesavam sobre a Russia as consequências terríveis da conspiração de Petrachosky. O pensamento estava desterrado ou nas prisões. Alexandre II libertou-o. A imprensa teve garantias que não conhecera até ahi, porque até a censura prévia desapareceu. Os grandes escriptores, que estavam todos desterrados—alguns mortos já nos trabalhos forçados da Siberia—poderam retomar a penna e continuar livremente a escrever. O reinado de Alexandre II foi o periodo aureo da litteratura russa.

No ensino não foram menos im-

portantes as suas reformas, augmentando os privilegios dos professores e dos estudantes, mantendo a liberdade da cathedra, etc. Emfim, decretou a emancipação dos servos, medida sufficiente, só por si, para fazer a gloria d'um homem.

E' certo que quando o assassinarão, em 1881, já essas medidas tinham sido cerceadas, como represalia contra as tentativas repetidas de regicidio. No entanto, ainda subsistia alguma coisa do espirito liberal que animara o imperador. Com a sua morte desapareceram logo os jornaes que preconisavam o regimen liberal, taes como o *Goles*, o *Porjadok*, o *Molva*, o *Telegrapho de Moscovo*, etc.

Se os revolucionarios, repito, tivessem forças para uma grande agitação liberal, vá lá que a provocassem com um acto de terror como o do assassinato do czar. Mas não tendo forças para isso, era a se seguiria porque deviam prever que se seguiria uma reacção terrivel. Atraz d'um imperador de espirito liberal, e que poderia ter concedido largas reformas sem as permanentes conspirações dos nihilistas, era provavel que viesse, como veio, um imperador tyranno.

Percebe-se que os nihilistas, manejando a arma do terror, queriam, com ella, levar um novo czar a transigrir. Mas isso era desconhecer a córte da Russia e os seus processos. Se o czar escapasse de ser assassinado pelos nihilistas não escaparia, como succedeu com Alexandre I, de ser assassinado pelos cortezaes. Mais facilmente o czar escaparia de ser morto pelos nihilistas do que pelos nobres, membros da córte, e da propria familia. E entre dois perigos terriveis, o czar escolheria, naturalmente, não só o menor como aquelle que mais se harmonisasse com a manutenção do espirito auctoritario.

Alexandre III entrou logo no caminho da mais feroz reacção. E dado isso, estava perturbada toda a vida normal do paiz. Travava-se um duello. E como era duello de morte, enquanto um dos contendores não triumphasse, todas as energias se gastariam n'essa lucta terrivel.

Assim se explica o estado desgraçado em que a guerra veio encontrar a Russia. Por um lado, a falta de liberdade impediu todo o espirito de iniciativa. Por outro lado, a necessidade de defeza, a que o imperador se viu reduzido, relaxou o funcionamento normal da machina governativa, auctorizando todos os abusos.

Ha pouco, um jornalista francez escrevia que a Russia ainda venceria o Japão, se quizesse. Mas que era preciso querer, como a França quiz em 1793. Pois sim. Mas o peor é que a Russia não pôde querer. As circumstancias são muito differentes. A França quiz sob um regimen de liberdade, isto é, sob um regimen que não só lhe permittiu como lhe estimulou toda a energia da sua vontade. Essa vontade é inteiramente impossivel sob um regimen despótico.

Não foi simplesmente por vingança, ou prazer de tirar uma desforra cruel, que o governo russo esmagou com tamanha violencia as manifestações populares. O governo russo teve um fim mais elevado: quiz ver se podia libertar-se das difficuldades internas para poder á vontade proseguir a guerra. Não podia ser outro o seu objectivo. E' natural, porém, que o não consiga. Se é certo que os revolucionarios demonstraram a fraqueza da sua organização para uma lucta armada, — o que mais uma vez veio pôr em evidencia o erro que commetteram travando a lenta evolução liberal com o assassinato de Alexandre II — não é menos certo que a anarchia attingiu completamente todo o corpo administrativo do imperio. Poderá o governo vencer todas as resistencias populares. O que não vence é a corrupção que minou, por inteiro, a desordem que invadiu, completamente, todo o organismo militar e politico. Eis ahi a morte da Russia.

Comtudo, duas coisas importan-

tes deixam duvidas, ainda, sobre o resultado final da guerra com o Japão: a formidavel energia de que o governo imperial acaba de dar provas e o formidavel apoio que encontrou no exercito. São factores para fazer reflectir.

Os revolucionarios, sem armas e sem adhesões militares, estão perdidos, salvo se a revolta da Polonia tomar outro caminho, o que não parece provavel. Se o governo imperial consegue impôr no exercito a unidade de commando, que é aquillo que mais falta lhe está fazendo n'este instante, e mantem livres as vias de comunicação por terra, com o espirito de teimosia de que está dando provas pôde prolongar a guerra, e, n'esse caso, ninguém sabe o que poderá succeder.

Mas ha de lhe ser difficil obter essa unidade de commando. Tornar-se-hia preciso fuzilar alguns generaes, a começar por algum grão duque, e o imperador, decididamente, não é homem para isso.

A. B.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

Musica no Jardim

O programma que a banda de infantaria 24 executa hoje no jardim publico, da 1 ás 3 da tarde, é o seguinte:

Marcha. *Florentina*, mazurka, (Peixoto). *Danse des Bacchantes*, (Gounod). *Gioconda*, selection da opera, (Ponchielli). *Ave Maria*, (Moraes). *Ave Aplomb*. Pas Redoublé.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)...	15000
» encarnado.....	15100
» manteiga.....	15000
» amarello.....	15000
» misturado.....	800
» caraça.....	15100
» frade.....	750
Milho branco.....	800
» amarello.....	780
Trigo gallego.....	15100
» tremez.....	900
Cevada.....	700
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	450
Ovos, duzia 130, cento.....	15100

MILHO BRANCO AMERICANO

A chegar até ao fim do mez, vende-o Lino M. da Nova & Filhos, Successor.

Travessa da Picaria, 37—Porto

Feitos quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprae **AOSMOND**

EPIHEMERIDES DEMOCRATICAS

6 de fevereiro.—José Estevão pronuncia, 1840, o celebre discurso do Porto Pireu, accusando Rodrigo da Fonseca de Jacaco de Palmestron e o ministerio de delegação da Inglaterra.

A camara dos commons vota a abolição da camara dos lords e da monarchia ingleza, 1649.

7 de fevereiro.—Parte de Belle-Isle a expedição de liberaes portugueses para os Açores, 1832.

E' mal succedida a tentativa de revolução militar e constitucional em Lisboa, 1831.

8 de fevereiro.—Gregorio XVI excommunga D. Pedro IV, os ministros, militares, padres e frades que lhe obedecessem, 1834.

9 de fevereiro.—E' proclamada a Republica de Roma, 1849.

Pio IX tinha entrado no caninho da formidavel reacção em que se manteve até ao fim da sua vida. Em 15 de novembro Rossi, primeiro ministro, tinha sido assassinado, como n'estas ephemerides narrámos. Pio IX, como tambem narrámos, fugiu, e o parlamento creou uma junta de governo depois da fuga do papa. Essa junta, que governou dois mezes, convocou o povo para a eleição d'uma assemblea constituinte. A assemblea, composta de 144 deputados, reuniu-se em Roma, a 6 de fevereiro, e depois de tres dias de deliberação proclamou a Republica no dia 9, por 143 votos, pronunciando a destituição temporal do papa.

Vanini é queimado em Tolosa, 1619.

Lucilio Vanini, philosopho italiano, tinha nascido em Taurisano em 1585. Estudou em Roma e em Napoles a philosophia, a theologia, a jurisprudencia, a medicina e a astronomia. Percorreu a Allemanha, a Hollanda, a Suissa, a França e a Inglaterra. Aqui foi preso por ter atacado a Igreja do Estado. Em 1615 publicou o seu livro «Amphitheatrum æternæ Providentiæ», no qual ataca a immortalidade da alma. Preso em Tolosa, cidade catholica por excellencia, foi condemnado, como atheu, a ser-lhe arrancada a lingua e queimado em seguida.

Eis algumas das palavras da sentença:

«E sendo o dicto Lucilio culpado dos crimes de atheismo, blasphemia e impiedade, será entregue ao executor d'alta justiça, o qual o levará ao logar d'execução, descalço e em camisa, com um letreiro nas costas dizendo: «Atheu e blasphemador do nome de Deus» e o conduzirá perante a porta principal da igreja metropolitana de Santo Estevão e ahi de joelhos, cabeça e pés nus, tendo nas mãos uma tocha acesa, o fará pedir perdão a Deus, ao rei e á justiça, e depois, ligando-o a um poste, lhe cortará a lingua, sendo o seu corpo em seguida queimado e as cinzas lançadas ao vento.»

Vanini morreu com grande coragem, negando-se abertamente a pedir o perdão que a sentença lhe impunha. A rir-se, em ar alegre, exclamou, quando o carrasco o transportava ao logar do supplicio: «Vamos morrer alegremente como philosopho!»

Morre Michelet, 1874.

Julio Michelet, grande escriptor, formidavel inimigo da reacção religiosa, nasceu em Pars, em 1798, e era filho d'um typographo. Desde pequenino conheceu a fome e o frio, vendo-se obrigado a trabalhar na pobre typographia de seis paes.

Atrabido pelo estido, mas quasi indigente, começou a frequentar as escolas, sendo alvo da troça dos discipulos pela sua pobreza extrema. Entretanto, fez passos agigantados no estudo e em 1821 já era professor d'uma cadeira ganha em concurso.

Apaixonado desde os mais tenros annos pelas idéas liberaes, a revolução de 1830 exaltou-lhe o liberalismo.

Em 1843 ataca vivamente a reacção religiosa e politica, escrevendo, com Quinet, o *Etude sur les Jesuites*. Já então tinha começado a escrever a sua grande obra *Histoire de France*,

Em 1844 escreve *le Pretre, la Femme et la Famille, e Le Peuple*. Em 1848 *L'Érudition*, sendo-lhe n'este anno tirada, a pedido do clero, a sua cadeira de professor no *Collegio de França*. Adherindo á Revolução republicana, combate vivamente o golpe d'estado de 2 de dezembro, sendo obrigado a emigrar com todos os republicanos eminentes d'essa epocha.

Em 1853 escreve a *Histoire de la Révolution*. Em 1856 *l'Oiseau*; em 1857 *l'Insecte*; em 1858 *l'Amour*; em 1859 *la Femme*; em 1861 *la Mer*; em 1868 *la Montagne* e *la Bible de l'humanité*, livros verdadeiramente admiraveis. Escreveu muitos outros livros. A sua produção foi extraordinaria.

A obra de Michelet, de assumptos variadissimos, é cheia de encantos, na fórma e na inspiração. Por mais que os clericos e os escriptores menos cultos tenham querido depreciar o seu merito, Michelet ficará sempre como um escriptor incomparavel, de estilo brillantissimo, de pensamento altissimo, d'uma sinceridade a toda a prova e consciencioso como poucos.

Gloria da França e da humanidade.

10 de fevereiro.—Sai de Lisboa a armada de Vasco da Gama a fim de descobrir caminho por mar para a India, 1502.

11 de fevereiro.—Morre Descartes 1650.

René Descartes, o grande auctor do *Discurso de la methode, des Méditations métaphysiques do Traité de l'homme, Passions, Geometrie, Du monde*, etc, é o verdadeiro fundador da philosophia moderna.

E' proclamada a Republica hespanhola, 1874

Tendo Amdeu renunciado á corôa, o congresso e o senado, reunidos, proclamam a Republica, sendo nomeado o poder executivo composto de Estanislau Figueas, presidente; Emilio Castelar, ministro dos negocios estrangeiros; Francisco Pi y Margall, ministro do reino; Nicolau Salmeron, ministro da justiça José Echegaray, ministro da fazenda; Fernando Fernandez de Cordoba, ministro da guerra; José Maria Berazgor, ministro da marinha; Manuel Boerra, ministro das obras publicas; Francisco Salmeron, ministro do ultramar.

12 de fevereiro.—Morre Kant, 1804.

Manuel Kant grande philosopho allemão, era filho d'um selleiro e nasceu em Konigsberg em 1724. Estudou com difficuldade, como todos os filhos dos pobres, passando, durante os primeiros annos da sua vida, uma via obscura. Em 1770 conseguiu ser professor de logica e metaphysica na universidade de Konigsberg, de que veio a ser reitor mais tarde.

Kant operou na philosophia moderna uma verdadeira revolução. Portador das idéas mais avançadas, defensor da paz, advogou as idéas republicanas e atacou vivamente a religião

Entendia que não haveria liberdade sem progresso bem estabelecido enquanto todos os estados europeus não proclamassem a republica. Só admittia um regimen compativel com a razão humana: o regimen republicano.

Todos os escriptores, ainda os mais reaccionarios, reconhecem Kant como um verdadeiro genio. Cesar Cantu dedica-lhe muitas paginas na sua *Historia Universal*, e, entre muitas coisas, diz:

«Kant, verdadeiro revolucionario, que despreza os seus adversarios e não transige nunca com elles, tem o merito de ter distinguido melhor do que qualquer outro moderno o sentimento da intelligencia, a intuição das idéas; viu que todas as operações do entendimento se podem reduzir a juizos, e que, por consequencia, era preciso primeiro que tudo escrutar as funções do juizo.»

O seu livro *Critica da Razão Pura* foi condemnado em Roma. E' n'este livro que elle expõe o seu systema sobre a origem e legitimiidade dos nossos conhecimentos. Além d'esse escreveu a *Critica da Razão Practica, A Religião d'accordo*

com a Razão, *Ensino sobre a Paz Perpetua, Tratado Preliminar de toda a metaphysica, Principios metaphysicos da sciencia da natureza* e muitos outros.

Henrique VIII de Inglaterra nega obediencia ao papa e separa-se da igreja catholica, tornando-se chefe da igreja nacional, 1534.

A nossa carteira

Regressou a Agueda, o sr. dr. Affonso de Mello, delegado da comarca de Vizeu.

Regressou do Porto, á sua casa da Boralha, o sr. conde de Succena.

Fez hontem annos o sr. Henrique de Barros, negociante na Figueira da Foz.

Já se encontra melhor da doença de que tinha sido acommettido, o sr. João Marques da Cunha.

Está no Porto o sr. dr. Affonso de Lemos.

ANNUNCIOS

VENDE-SE um fogão grande quasi novo, duas fornalhas e duas estufas.

Para tratar padaria Ferreira, aos Arcos.

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.^a

LISBOA

LOJA

ALUGA-SE uma no ponto mais central da cidade, propria para estabelecimento de modas ou mercearia, contendo já a respectiva armação envidraçada.

Trata-se com o seu proprietario Luiz Henriques.

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga. 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Abuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO fez-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS
ESTABELECIMENTO DE MERCERIA

—DE—
Albino Pinto de Miranda
 (LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petróleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do porto e da Madeira, especines. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fic e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc.*

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVAO—79

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos esmelliores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO
 AOS ARCOS
AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 1800 a 3800 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Navio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles
 dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falle qualquer dente; obra a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe a qualquer quozão ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estação de JOSÉ ESTEVAO)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para aougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Vendade productos do mato-douro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista,
 3 Lisboa

EMPRESA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congengeres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCERIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
 Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvauides, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO